

12/91

24.7/91

Nas presentes condições vigentes, no Brasil e no mundo, não há —peço menos para os homens que, como eu, estamos beirando os 80 (o que quer dizer que já cogitávamos da problemática econômica aí por 1931)— como não tentar paralelos entre aqueles anos trágicos, que nos abriram a porta para o fascismo e para a guerra mundial, e os anos correntes.

Para o Brasil, a grande depressão, aberta naquela quinta-feira negra de finais de outubro de 1929, repercutiu, fundamentalmente, como uma queda catastrófica de nossa capacidade para importar, a saber: simultâneo fechamento dos mercados externos para nossos produtos de exportação —basicamente agrícolas— e desmoração dos preços dos mesmos produtos, em moedas fortes, notadamente a libra esterlina e o dólar.

Nossa capacidade para importar caíra a cerca de um terço do que era, ao que estou lembrando. Ora, parecia fora de cogitação que, sem um sério reerguimento da dita capacidade para importar, nossa "crise" estaria aí, para ficar —exatamente como agora parece que, sem a liquidação da "peste da inflação", tampouco haverá saída para nossa "crise" atual.

Entretanto, como os anos se passassem, sem sombra do sonhado restabelecimento da capacidade para importar, fomos, paulatinamente, sem caso pensado, procurando ajustar a economia brasileira aos novos níveis da citada capacidade. Isto é, fomos adotando um sistema de medidas, cujo resultado final seria a hoje tão malsinada reserva de mercado —a começar pela licença estatal de importações e pelo controle do câmbio. Ao primeiro exame, medidas de pura contingência, a vigorar enquanto não se restabelesse a esperada "normalidade" da capacidade para importar, mas que tiveram duradouros efeitos estruturais.

Nascia, assim, aquilo que, nas palavras de Raul Prebisch, à frente da Cepal, substituiria o tradicional "crecimiento hacia afuera", pelo "crecimiento hacia adentro", vale dizer, na experiência brasileira, dava forma à industrialização substitutiva de importações.

Mais ainda —fato que, para o

mundo de hoje, teria efeitos duradouros— sobre essa base começava a engatinhar um fenômeno que dista muito de haver esgotado seu conteúdo, a saber: o planejamento econômico.

Deixai-me que insista: a reserva de mercado é como as chaves, que tanto servem para fechar as portas, como para abri-las. É possível que o grau de autarcia a que a reserva de mercado teve o condão de levar nossa economia, se tenha tornado inconveniente, sendo mister agora promover uma programada reabertura, isto é, certa medida de desautarcização.

Os homens atualmente no comando de nossa sociedade perceberam isso, muito acertadamente, mas, desta vez equivocadamente, imaginam poder fazê-lo pelo desmantelamento puro e simples da instituição da reserva de mercado, devolvendo a economia ao comando da fabulosa "mão invisível". Noutros termos, a necessária desautarcização deveria resultar da renúncia ao planejamento, expondo nossa economia a um

"dumping" irrestrito —luxo ao qual nem mesmo as mais vigorosas e desenvolvidas economias nacionais do planeta se podem dar.

A crise atravessada atualmente pelos países socialistas parece marcar o fim do instituto do planejamento. A metódica e planejada sabotagem dessas economias pelos representantes de toda definição de apostasia do marxismo, com Gorbachev e Ieltsin à frente, parece corroborar esses "planos" de retorno ao comando da "mão invisível".

O outro lado do fenômeno, isto é, a entrega de países, que há duas ou três gerações não tinham experiência de desemprego, aos termos cuidados da referida "mão invisível", não poderia tardar, o que significa que a presente onda de apostasia —tal como a que se identificou com o imperador Juliano, que imaginou poder substituir o cristianismo por um renascimento da mitologia greco-romana— não deve durar.

O caso é que mesmo economias capitalistas tão vigorosas como as norte-americanas, as ocidentais europeias e as dos Tigres Asiáticos, inclusive o Japão, não podem se expor imprudentemente ao "dumping", como está implícito no "liberalismo" que anda sendo pregado, aqui como lá, e constitui a inspiração das

apostasias do marxismo, de toda definição.

O Brasil e a União Soviética foram, do ponto de vista do crescimento da produção industrial, os países mais prósperos do planeta. Ora, não obstante as diferenças que marcaram os dois regimes, ambos tinham em comum um fato capital, vale dizer um planejamento baseado no esforço pertinaz de industrialização substitutiva de importações, aqui como lá, inconcebível sem o instituto da reserva de mercado.

Nos dias correntes, parece que nada se poderá fazer sem a competitividade entre as diferentes

economias nacionais, nas condições do implacável desmantelamento da reserva de mercado. Aparentemente estamos nos esquecendo de que o custo do diversos insumos, exigidos pelas funções de produção nacional, não pode ter outra medida senão o emprego alternativo dos mesmos insumos, nos quadros de outras funções de produção, o que quer dizer, não havendo outros empregos alternativos, isto é, estando desempregados os fatores, seu custo social de produção é nulo.

Esta foi a explicação do sucesso espetacular da industrialização substitutiva de importações. Está implicava no emprego de fatores, desempregados em novas atividades produtivas.

O Brasil tinha em comum com a União Soviética —não obstante todas as notórias diferenças— o fato de que, apesar de subdesenvolvidas, eram grandes economias nacionais. Graças a isso, o comportamento de nossas economias nacionais foi muito diferente do observado entre as pequenas economias nacionais, inclusive todo o "resto da América Latina" e a Europa Oriental. Para essas pequenas economias nacionais, o "crescimento hacia adentro" não oferecia grandes perspectivas —e não admira que a apostasia do planejamento, inclusive desse planejamento engatinhante, como o baseado em nossa reserva de mercado, tenha como componente óbvia o desmembramento das grandes economias, esse desmembramento que está tornando ingovernável a Europa Oriental e está ameaçando fazer o mesmo no Brasil. A formação de uma república gaúcha, integrando o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, levaria ao mesmo resultado, desmantelando o parque industrial que estivemos implantando neste meio século e pico, desde a outra grande depressão mundial.